

26 1987

JORNAL DE BRASÍLIA

# Equilíbrio de forças

26 JUN 1987  
ANC P 2

Feitas as contas na ponta do lápis, sem blefe, ninguém tem maioria na Constituinte. Conservadores e progressistas tentam arregimentar os 280 votos para garantir a aprovação de suas propostas em plenário, mas não conseguem. E que há parlamentares de vários partidos que não se dispõem a alinhamentos automáticos, fechando com uma ou outra corrente de acordo com a questão em pauta.

Esse equilíbrio de forças já produziu uma constatação consensual: é preciso negociar. De um lado, o senador Mário Covas, líder dos progressistas na Constituinte, participa e estimula os entendimentos, alertando que a se a futura Constituição for aprovada por escassa maioria em plenário terá vida curta. De outro, o senador Marco Maciel, presidente do PFL, numericamente o partido com mais adeptos das teses conservadoras, chega à mesma conclusão de Covas: a Constituição precisa ter o respaldo de pelo menos 80% dos constituintes para não entrar em vigor já questionada por importantes segmentos da sociedade.

As negociações já começaram em diversas frentes. A principal delas, que abrirá espaços para acordos mais amplos, está reunindo os progressistas do PMDB com os chamados modernistas do PFL. O fato de um grupo do PFL, mesmo minoritário, está negociando com a corrente liderada pelo

senador Mário Covas facilitará até o entendimento interno no PMDB. É que o trunfo do deputado Carlos Sant'Anna, líder do Governo, e os demais defensores dentro do PMDB da criação de um bloco suprapartidário conservador, seria a absorção do PFL inteiro. Dividido, ele não atende integralmente às suas necessidades.

Sant'Anna, portanto, terá de negociar com as outras correntes do PMDB. O próprio senador Mário Covas compreendeu isso nitidamente durante a Convenção Nacional do partido: a aliança de duas das três correntes partidárias é a garantia da vitória. Daí o seu trabalho para se reaproximar da corrente liderada pelo deputado Ulysses Guimarães. Por suas características de frente, o PMDB, que sozinho detém a maioria da Constituinte, expressa internamente todo o restante do quadro partidário: do PDS ao PT, passando pelos partidos comunistas e liberais.

Na Convenção Nacional do PMDB, mesmo à frente da corrente com menor número de adeptos, o deputado Ulysses Guimarães mostrou claramente que, por ser o fiel da balança, acaba por ditar os rumos a serem seguidos pelo partido. Ele pretende desempenhar o mesmo papel na Constituinte, consciente de que ninguém tem maioria, viabilizando uma Constituição moderna, democrática, com discreta tendên-

cia progressista, de maneira que não choque os conservadores. Isto é, uma Constituição que não será exatamente a desejada pelos diversos grupos em luta na Constituinte e na sociedade, mas que também não seja rejeitada por nenhum deles.

Politicamente, o velho estilo de acomodação do PSD está novamente sendo aplicado. No PMDB, por exemplo, ele provoca muita tensão, mas contra todos os prognósticos, sempre consegue evitar a implosão do partido. Mestre neste jogo, Ulysses também é seu principal beneficiário: as divisões internas desde o antigo MDB foram e são a garantia de seu comando dentro do partido.

Depois da Convenção do PMDB, ninguém mais o subestima dentro e fora do partido. O conservador Roberto Cardoso Alves, que faz a luta contra a reforma agrária seu cavalo de batalha, não se cansa de repetir: "Nos ombros instáveis de Ulysses repousa o equilíbrio do PMDB. Sem ele, o partido acaba". Essa avaliação é endossada, por exemplo, pelo progressista Dante de Oliveira, ex-ministro empenhado na execução da reforma agrária no País. Aliás, a reforma agrária é uma das poucas questões que dificilmente serão resolvidas através de entendimento, indo a voto em plenário, juntamente com o mandato presidencial e o regime de governo.

Andrei Meireles — interino.